ECONOMIA NA PANDEMIA

País deixa grupo das dez maiores economias

Brasil cai para 12ª posição e é ultrapassado na lista por Canadá, Coreia do Sul e Rússia

Mariana Durão / RIO

Com a queda de 4,1% do PIB em 2020, o Brasil confirmou a saída do grupo das dez maiores economias do mundo, mostra levantamento da agência de classificação de risco Austin Rating, com dados do Fundo Monetário Internacional (FMI). Além da recessão global causada pela covid-19, a desvalorização do real frente ao dólar e o desempenho relativamente melhor de países como a Coreia do Sul levaram a economia brasileira, no ano passado, para o 12.º lugar entre as maiores do mundo, com participação de 1,6% no PIB global.

Em 2011, após dois anos de forte crescimento e no auge da valorização do real frente ao dólar, o País chegou à posição de 7.ª maior economia do mundo, posto que ocupou até 2014. Quando veio a recessão de 2014 a 2016, o Brasil perdeu duas posições, passando para o 8.º lugar em 2017 e para o 9.º, em 2018 e 2019.

Com a crise da covid-19 e seus impactos na economia mundial, o PIB do Brasil em dólares passou de US$ 1,8 trilhão para US$ 1,4 trilhão até o fim do ano passado. Assim, a economia brasileira foi ultrapassada por Rússia, Coreia do Sul e Canadá (*ver quadro*).

Para 2021, nas contas da Austin Rating, a estimativa é que o País desça ao 14.º lugar entre as maiores economias do mundo, considerando uma projeção de crescimento para o Brasil de 3,3% este ano. Austrália e Espanha deverão ganhar posições.

Para o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, faltam elementos estruturais para sustentar crescimento maior no Brasil. "Em 2021, o País vai crescer por efeito estatístico, mas e depois? Provavelmente, vamos voltar para a gangorra econômica, porque falta um ambiente político coeso. Em termos estruturais, isto é, fiscal, reformas, atração de investimento, vamos avançar pouco. Tudo isso compromete o crescimento de longo prazo", disse.

Tombo menor. Os dados da Austin Rating confirmam levantamento feito no ano passado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), após o FMI atualizar seus dados, em outubro. Mesmo fora do grupo das dez maiores do mundo, o desempenho da economia brasileira nem ficou entre os piores, quando comparado com outros países. No ranking de crescimento econômico de 50 países elaborado pela Austin Rating, o Brasil ficou em 21.º lugar no ano passado. O tombo da economia brasileira foi menor que o da média do grupo de 50 países (-4,8%). No agregado do PIB mundial, a queda ficou em 3,5%.

O desempenho foi melhor do que o dos vizinhos da América do Sul incluídos no levantamento. O PIB da Colômbia tombou 6,8% (38.º lugar no ranking de crescimento), enquanto o Peru ficou com o pior desempenho da lista, com uma perda de 11,1%. A Argentina não foi incluída – em janeiro, o FMI projetava tombo de 10,4% para a economia argentina.

Conforme o levantamento da Austin Rating, apenas três países terminaram o ano marcado pela pandemia da covid-19 no azul: Taiwan (+3,1%), China (+2,0%) e Turquia (+1,6%). No quarto trimestre, essas economias demonstraram desaceleração. A China cresceu 2,6% ante o terceiro trimestre, passando ao 15.º lugar na base trimestral, mas o gigante asiático tem a particularidade de ser o único país do mundo onde a crise começou antes – epicentro da pandemia, a China registrou o tombo do PIB no primeiro trimestre, enquanto o segundo já foi de recuperação, enquanto nos demais países o fundo do poço foi o segundo trimestre.

Entre os países desenvolvidos, os Estados Unidos aparecem na 16.ª posição do ranking da Austin Rating, com uma queda de 3,5% no PIB anual. O avanço da vacinação e a possibilidade de o governo do presidente Joe Biden aprovar um pacote de estímulos de US$ 1,9 trilhão vêm elevando as projeções para o crescimento americano em 2021.

● **Gangorra econômica**
Em 2021, o País vai crescer por efeito estatístico, mas e depois? Provavelmente, vamos voltar para a gangorra econômica, porque falta um ambiente político coeso. Em termos estruturais."
Alex Agostini
ECONOMISTA-CHEFE DA AUSTIN RATING

RANKING

● **Com queda no PIB de 2020, Brasil não está mais entre as maiores economias do mundo**

Participação no PIB global
EM PORCENTAGEM

1º	EUA	23,0
2º	China	16,4
3º	Japão	5,4
4º	Alemanha	4,2
5º	Reino Unido	2,9
6º	Índia	2,9
7º	França	2,8
8º	Itália	2,0
9º	Canadá	1,8
10º	Coreia	1,8
11º	Rússia	1,6
12º	**Brasil**	1,6
13º	Austrália	1,5
14º	Espanha	1,4
15º	Indonésia	1,2

FONTE: AUSTIN RATING INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Bolsonaro vê lado positivo em tombo de 4,1%

BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro disse que o "lado positivo" da queda de 4,1% do PIB em 2020 – o terceiro pior resultado da história – é que o tombo na economia brasileira é um dos menores do mundo.

"Desculpa, eu não tomei conhecimento da avaliação do PIB. O que eu posso falar para você que se esperava que a gente ia cair 10%, mas parece que caímos 4%. É um dos países que menos caiu no mundo todo, então, tem esse dado positivo", disse Bolsonaro ao deixar uma reunião com embaixadores de países produtores de petróleo do Golfo Pérsico.

Para Bolsonaro a queda do PIB só não foi maior devido à movimentação da economia gerada pelo auxílio emergencial. "Esse dinheiro, quando vai para os municípios, roda a economia local, que interfere na arrecadação de impostos municipais, estaduais e federais também".

O presidente também citou a terceira etapa do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe). "Encampamos essa ideia e evitamos mais de 10 milhões de pessoas que perderiam seu emprego", afirmou.

Escalado para comentar o PIB, o secretário especial de Fazenda do Ministério da Economia, Waldery Rodrigues, foi na mesma linha que o presidente e disse que o resultado coloca o Brasil em uma posição "bastante satisfatória" na comparação com outros países.

"A queda estava próxima das nossas estimativas e um dos pontos mais importantes é que, em termos relativos, nós tivemos uma performance muito boa. É uma comemoração comedida, uma comemoração conservadora, no sentido de que a retração do PIB foi muito abaixo do que foi estimada", afirmou, em entrevista coletiva virtual.

Ele citou as projeções que foram divulgadas no meio do ano passado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), de queda de 9,1%, e do Banco Mundial, de recuo superior a 8%.

Rodrigues também atribuiu a queda menor do que a prevista no início da pandemia às medidas adotadas pelo governo para fazer frente à pandemia do coronavírus. "Tivemos dotação de R$ 632 bilhões para combate à covid em 2020, dos quais foram pagos R$ 539 bilhões", afirmou.

Ele ressaltou o resultado do investimento, que ficou acima de 16% pela primeira vez nos últimos anos, e disse que o dado reforça estimativa do governo de que a economia brasileira está em recuperação. / **LORENNA RODRIGUES, MATHEUS DE SOUZA E BRUNO DE CASTRO**

ANÁLISES

Falta de rumo

Alexandre Calais *

Para uma economia que, em algum momento, chegou-se a prever uma queda em torno de 10%, recuar 4,1% é quase um alívio. Mas não nos enganemos: é um número muito ruim. Seria diferente, claro, se a economia brasileira viesse num ritmo pujante e tivesse apenas sido abatida pela pandemia. Mas estamos muito longe disso.

Nos últimos dez anos, o crescimento brasileiro foi pífio. Após as quedas de 3,55% em 2015 e de 3,31% em 2016, seguiram-se três anos de crescimento em torno de 1%, culminando agora com mais uma queda significativa. Uma década - mais uma - perdida.

Os números são fortes, mas não são o mais importante. No cenário atual, o problema é o que vem pela frente. Olhando para o futuro, o que nos espera? A falta de rumo assusta muito mais do que saber que a economia não saí do lugar (na verdade, anda para trás) há uma década. A nova matriz econômica imaginada no governo Dilma Rousseff, baseada no aumento dos gastos públicos, juros baixos (na marra) e crédito barato via bancos estatais, entre outros pontos, deu no que deu. Essa política foi revertida com a queda de Dilma e a chegada de Michel Temer. E a aposta dos empresários e do mercado financeiro era de que essa mudança seria aprofundada com o governo Jair Bolsonaro, que angariou a simpatia desse segmento ao levar para sua equipe o economista Paulo Guedes, com sua pregação liberal.

Dois anos depois, pouco sobrou do discurso liberal. E o episódio da troca de comando na Petrobrás jogou por terra qualquer esperança que alguém ainda tivesse sobre isso. Pressionado pela alta de preços, a saída do presidente foi pelo caminho do populismo, puro e simples. Troca-se o comandante da empresa por um que siga as ordens do capitão. Não por acaso, cinco conselheiros da Petrobrás, entre eles ex-presidentes de grandes empresas, pediram para deixar o conselho.

Sem agenda liberal, sem privatizações, sem reformas, não há farol à vista para a economia brasileira. O que Bolsonaro mira é a sua reeleição, e vai trabalhar apenas para isso. Serão medidas de curto prazo, quando o País precisa mesmo é de um plano de longo prazo e de alguém que o abrace, de verdade. Estamos à deriva.

*

EDITOR DE ECONOMIA

Recuperação arrefecida

Marcelle Chauvet *

A pandemia da covid-19 levou a uma crise econômica e de saúde pública no Brasil e no resto do mundo sem precedentes históricos. Os choques de oferta, demanda e financeiro relacionados à pandemia e ao isolamento social levaram a uma queda profunda da atividade econômica no início de 2020, sendo o setor de serviços o mais afetado.

A dimensão do impacto negativo foi avassaladora. Porém, como um efeito elástico, a abrupta queda da economia foi curta e seguida por uma forte recuperação em vários setores. Dentre esses, destaca-se principalmente a indústria de transformação, com o aquecimento do consumo de bens estimulado pelos, em parte, pelo auxílio emergencial. Após uma forte retomada inicial, a economia continuou em um processo de recuperação seletiva no 2.º semestre de 2020.

Alguns setores cresceram fortemente, recuperando muito das perdas iniciais, como o comércio e a indústria de transformação. Porém, o consumo de serviços teve um avanço bem menos expressivo.

Comparado com recessões anteriores, o setor de serviços é o que menos apresenta flutuações. Mas na recessão relacionada à pandemia foi bem diferente, com o setor de serviços sofrendo a sua maior queda histórica, e uma recuperação muito menos expressiva comparada com o resto da economia.

Apesar de ter havido um crescimento acima do esperado no 4.º trimestre de 2020, a recuperação mostra sinais de uma desaceleração, sobretudo, nos primeiros meses de 2021. O fim do auxílio emergencial e dos programas de manutenção de emprego, a deterioração da renda real por conta da inflação, o aumento substancial de casos de contágios pela covid-19, acompanhados de novas restrições e isolamento social, levaram a uma redução nos indicadores de confiança.

O agravamento da pandemia indica que a retomada econômica ficará estagnada pelos próximos meses. Uma recuperação mais robusta dos indicadores econômicos para o Brasil em 2021 depende, fundamentalmente, de que haja um controle da pandemia através de uma vacinação em massa acelerada, e políticas que lidem com os fortes desequilíbrios setoriais, principalmente com relação à dinâmica do setor de serviços.

*

PROFESSORA TITULAR DE ECONOMIA NA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA

pressreader PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER Phone: +1 604 278 4604 +44 203 728 8390 COPYRIGHT AND PROHIBITED BY APPLICABLE LAW